



A historiografia da arte baiana na contemporaneidade

Profa. Dra. Maria Helena Ochi Flexor

Universidade Federal da Bahia
Comitê Brasileiro de História da Arte

Apesar do extraordinário acervo artístico que a Bahia possui, a historiografia, especialmente das artes plásticas e/ou visuais, é bastante diminuta. Além disso, essa historiografia é bastante recente se se contarem os 455 anos de existência da cidade do Salvador.

Quando se fala em historiografia artística baiana, aqui, trata-se, sobretudo, de Salvador, visto que os estudos sobre as cidades do interior são bastante escassos, excetuando-se, talvez, os relativos à Cachoeira e Santo Amaro. Só mais recentemente é que a arte do interior veio a se integrar à produção soteropolitana, com a criação das Bienais do Recôncavo, em 1991, ou com as atividades promovidas pelo Clube de Campo Cajueiro, ou Museu Regional, de Feira de Santana e algumas poucas outras entidades em Alagoinhas, Vitória da Conquista, Jequié, Ilhéus, Itabuna, etc.

O último repertório bibliográfico da arte brasileira foi feito por José Neistein e publicado em 1997. No levantamento realizado pelo autor, a produção baiana está muito defasada. A publicação citada, mais recente, refere-se a 1989. Neistein, como diretor do Brazilian-American Cultural Institute de Washington, e como editor contribuinte do *Handbook of Latin American Studies*, da Biblioteca do Congresso da capital americana, usou, entre outros, o acervo dessa Biblioteca para a referida publicação¹.

Em relação à Bahia, o maior número de referências feito pelo autor, diz respeito à grande produção que houve a partir de 1949 e já presentes no levantamento, realizado por José do Prado Valladares, que tinha resenhado e comentado uma bibliografia seletiva escolhida entre 1943 e 1954, com cerca de 500 títulos. O Museu do Estado² publicou, como obra póstuma, a continuação desse trabalho, em 1960, que elevaria para 700 o número de títulos (VALLADARES, 1960, p. 193p). Em Neistein não só estão ausentes vários títulos aparecidos a partir de 1970 (LUDWIG, 1977; IDEM, 1982; AZEVEDO, 1982; CAMARGO, 1979; COELHO, 1973), quanto aqueles anteriores a 1949, data da primeira referência feita pelo autor³.

Antes de 1949 deve-se destacar Carlos Chiacchio que, embora tratasse de literatura, foi o responsável pelos primeiros escritos sobre arte moderna em sua coluna *Homens e Obras*, do Jornal *A Tarde*, onde incluiu, a partir de 1928, oito rodapés com o título *Modernistas e Ultramodernistas*, em

¹ Esse autor procurou complementar o trabalho feito anteriormente por Robert C. Smith e Mário Barata. O levantamento de Smith anotou a bibliografia de arte brasileira para o Handbook de 1953 a 1962, trabalho continuado por Mário Barata de 1963 a 1968.

² Transformado em Museu de Arte da Bahia foi, por longos anos, dirigido por Carlos Eduardo da Rocha.

³ Vide alguns exemplos nas Referências.

seus dezoito anos de colunista (MASCARENHAS, 1979, 139p.). Criou a revista *Arco e Flecha* que, para se opor à cultura européia, contrapunha a tanga, o arco e a flecha à máscara, ao florete e à luva (ALVES, 1978. 151p). Outros periódicos, como *Samba*, *Meridiano* e *O Momento*, se somavam àquela revista. Ainda não existiam revistas especializadas e os artigos sobre arte apareciam, não apenas junto à literatura, como nos periódicos mais inusitados, como revista de medicina.

A partir de então, em lugar de livros, os jornais e as revistas, e depois os catálogos, teriam papel fundamental na divulgação da arte. O *Salão de Ala – Ala das Letras e das Artes* –, do qual Chiacchio fez parte, criou, além de salões, conferências, recitais de poesia, também um jornal para difundir suas novidades e ideologias.

O primeiro baiano, no entanto, a tratar da arte baiana foi Manoel Raymundo Querino. Apesar de sua interessante produção intelectual⁴, para o período em que viveu, – segunda metade do século XIX e começo do XX –, foi mais um cronista que historiador e suas obras apresentam informações errôneas, impressões, cronologias e atribuições indevidas. Querino publicou a primeira edição de seu livro *Artistas Bahianos*, em 1909 e, quase ao mesmo tempo um outro, *As Artes na Bahia*⁵. Muitas das suas referências, especialmente do período que não vivenciou, basearam-se na tradição oral, ou deduções pessoais, o que, de fato, não credenciam seus dados como verdadeiros (FLEXOR, 1998, p. 175-215; IDEM, 1998, p. 77-100).

Carlos Ott acusou Querino de ter utilizado, parcialmente e sem indicar a fonte, para a composição de *Artistas Bahianos*, um manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, denominado *Noções sobre a procedência da arte da pintura na Província da Bahia*⁶, de autor anônimo. Este seria, na realidade, o primeiro estudo sobre a arte baiana. O texto foi atribuído por alguns (e os textos também foram atribuídos) ao pintor baiano José Rodrigues Nunes (1800-1881)⁷ e, segundo o transcritor Carlos Ott, escrito entre 1866 e 1876, com notícias e indicações biográficas de pintores e escultores⁸. Esse primeiro manuscrito sobre arte baiana deve ter sido produzido em função de pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando de sua criação, para tomar conhecimento do patrimônio cultural brasileiro. Esse autor anônimo, como Querino, baseou-se na tradição oral.

Depois de Querino, passaram-se alguns anos até que aparecessem os escritos produzidos por Marieta Alves e pelo citado Carlos Ott. Esses dois autores, ao lado de Germain Bazin e Robert Smith, dominaram a historiografia, especialmente a referente à arte conhecida como colonial, até recentemente. Bazin e Smith deram a conhecer ao Brasil a documentação existente em arquivos lusos e, praticamente, dividiram entre si as áreas de atuação em Portugal e no Brasil. Esses autores formavam a plêiade de historiadores que buscavam as identidades brasileira e baiana.

É importante ressaltar que esses autores vêm sendo utilizados indiscriminadamente pelos estudiosos como se o tempo, e outros trabalhos mais recentes, não desempenhassem nenhum papel dentro da história da arte baiana⁹. Suas informações são repetidas sem o crivo da análise, ou da crítica. É o caso de Frei Sinzig (SINZIG, 1933, p. 35, 46)¹⁰ que, no dizer da própria Marieta Alves (ALVES,

⁴ Vide Referências.

⁵ A 2ª edição é de 1913.

⁶ Carlos Ott transcreveu o manuscrito, modernizando a grafia (OTT, 1947, p. 197-218).

⁷ Pelo estilo de escrever não se pode atribuí-lo a Manoel Querino que devia contar, por essa época com menos de 20 anos. Ott aventou a possibilidade de ter sido José de Alexandre Melo Moraes quem levou o manuscrito para o Rio, pois a Biblioteca Nacional possui muitas notas desse historiador que escreveu sobre a Bahia. Só que as letras não coincidem e Ott cogitou, ainda, a possibilidade, meio sem nexos, diga-se de passagem, de as *Noções...* terem sido copiadas por um amigo de Melo Moraes ou uma mulher, porque a letra não é muito perfeita.

⁸ Paulo Roberto Silva Santos (2002, p. 20) identificou esse manuscrito, classificado sob o Códice II-34,4,3, como sendo da letra de Alfredo Valle Cabral (1851-1894), documentarista baiano, que chefiou a Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

⁹ Vide, por exemplo: ASSIS, 2003; CAMPOS, 2003, 3v.; SANTOS, 2001; FREIRE, 2000, 3v.; CASIMIRO, 1996, entre outros.

¹⁰ O trabalho de Frei Sinzig, *Maravilhas da religião e da arte na igreja e no convento de São Francisco da Baía*, foi uma contribuição da Subcomissão de Iconografia Brasileira, criada no Congresso de Ciências Históricas de Veneza, em 1929, e publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1959), não tinha necessidade de repetir as afirmações de Manoel Querino, relativas às obras de arte existentes no Convento, pois, como franciscano, tinha à sua inteira disposição toda a documentação daquela instituição religiosa. Foi também o exemplo de Afrânio Peixoto e outros autores (PREFEITURA, 1973, p. 61). Afrânio Peixoto dizia que, Carlos Rubens, em 1941, *tomou Manuel Querino como guia* e que ele tomava Carlos Rubens (1947, p. 313) como seu guia. E existem outros mais como Sílio Boccanera Júnior (BOCCANERA JUNIOR, 1921, p. 130-131; IDEM, 1928, p. 376) e Fr. Teves (1926, p. 15), Sílvio Romero, etc., sem citar outros autores. Boccanera Júnior chegou a usar as informações de Querino para apontar *um erro histórico* de Rocha Pombo. Ainda nas últimas décadas, encontram-se artigos citando Manuel Querino como fonte primordial de informação.

Como disse Clarival do Prado Valladares (1967, p. 139-141) de fato *tornou-se a obra de Manoel Raymundo Querino a fonte mais recorrida para identificação e registro biográfico de artistas e artífices*. Valladares reconhecia *os eventuais erros de precisão científica*, mas suas críticas também não desfiaram as imprecisões. Ressalva seja feita ao belga Jacques Résimont (1986/1989, p. 101-117).

No tempo, percorrido entre as obras de Querino, Marieta Alves e Ott, surgiram os reflexos do movimento regionalista, encabeçado por Arthur Ramos e Gilberto Freyre, valorizando a tradição luso-brasileira e o *produto nacional*, que teria em Jorge Amado, e seus companheiros intelectuais, os porta-vozes baianos e, entre eles, intelectuais e artistas plásticos. Identidade nacional, regionalismo, descoberta do patrimônio cultural, erudito e popular, coincidiu, na Bahia, como advento do modernismo. Isso explica porque, ao mesmo tempo em que Marieta Alves, Carlos Ott, D. Clemente da Silva-Nigra, Valentin Calderon escreviam sobre a arte colonial, os irmãos Valladares – José e Clarival –, se voltassem para o modernismo e os artistas plásticos vissem o nacional e regional os principais modelos para a temática de suas obras.

Com a morte de Chiacchio, em 1947, os alardes modernistas só encontrariam apoio em outro jornalista, o referido José do Prado Valladares que, de 1930 a 1959, data de sua morte, foi diretor do Museu do Estado e fez dessa instituição ponto de apoio para irradiação das discussões sobre arte. Na gestão de Valladares foi criado um centro de publicações que editou estudos relativos à arte e cultura da Bahia, dentro de características regionalistas (CAMPOS, 1941, 192p.; IDEM, s.d., 83p.; HERSKOVITS, 1943, 20p.; FRANÇA, 1944, 74p.; VALLADARES, 1946, 105p.; EDELWEISS, 1947, 220p.; CARNEIRO, 1948, 140p.; CALMON, 1949, 257p.; VIANNA JÚNIOR, 1950, 105p.; WAGLEY, 1950; SMITH, 1951, 73p.; VALLADARES, 1951, 86p.; CALAZANS, 1951, 112p., etc). Essas publicações continuavam o processo de redescoberta da Bahia, a exemplo de outras regiões brasileiras, valorizando, em lugar da Europa, as coisas da América espanhola e do Brasil. A onda regionalista coincidia com os preparativos para a comemoração dos 400 anos de Salvador que fortaleceu e enfatizou a temática dominante. Os temas, de caráter essencialmente baianos dessa geração, prenderam-se à tradição afro, ao sertão ou ao cotidiano urbano.

Movidos por esse clima, vinte e sete intelectuais fundaram, em 1941, o *Centro de Estudos Baianos*, tendo a frente Osvaldo Valente. Das poucas instituições sobreviventes, apesar de ter passado por várias sedes e direções, publicou um bom número de monografias referentes a Bahia, constituindo, inclusive, o conjunto de estudos que formaria a coleção *Evolução da Cidade do Salvador*.

Era o período do governo de Otávio Mangabeira (1947-1951), em que foi intensa a intervenção do Estado na cultura, decorrente de toda política, nessa área, por parte do Estado-Novo, recém-substituído. Nesse processo deve-se destacar a personalidade de Anísio Teixeira que configurou o perfil da Secretaria de Educação e Saúde, através do Departamento de Cultura, criado na sua gestão¹¹. Além de promover a vinda de vários intelectuais e artistas plásticos, de teatro e músicos, Anísio Teixeira ofereceu oportunidades aos artistas de se expressarem, através de recitais, conferências, cursos e mesmo trabalhos práticos, como foi o caso dos painéis da Escola Parque.

¹¹ No seu governo construiu-se o Hotel da Bahia onde, com a obra ainda inacabada, realizou-se o Primeiro Salão Bahiano de Belas Artes, criado em comemoração ao 4º Centenário da Cidade do Salvador e que já trazia uma divisão de arte moderna, separada das representações classicizantes.

Pelos anos 1950-1960, alguns eventos foram realizados, provocando o enriquecimento da produção bibliográfica. Em outubro de 1953, por exemplo, realizou-se o Colóquio Internacional sobre Estudos Luso-Brasileiros, em Washington. O segundo evento desse gênero deu-se em São Paulo, em 1954, integrando, definitivamente, no circuito das séries de estudos específicos, então levados a efeito. O terceiro Colóquio deu-se em Lisboa em 1957. Foi nesse evento que Germain Bazin apresentou um ensaio sobre os projetos para a igreja e convento dos jesuítas da Bahia, existentes na Biblioteca Nacional de Paris. O IV Colóquio deu-se na Bahia, em 1959, destacando-se as atuações de Marieta Alves e Carlos Ott. A presença de historiadores portugueses estimulou os estudiosos baianos. O V Colóquio deu-se em 1968, em Coimbra. Nesse Colóquio, Alberto Iria (1950, v. 2, p. 15-30), então diretor do Arquivo Ultramarino de Lisboa, apresentou seu trabalho de compilação de documentos baianos existentes naquela instituição¹².

Tudo isso foi reflexo de um movimento mais amplo. Não se deve esquecer a ideologia que fez Getúlio Vargas criar o SPHAN e que alimentaria a gestão de seu primeiro diretor Rodrigo de Melo Franco de Andrade. Dentro desse quadro, este coordenou a publicação, em 1952, *d'As artes plásticas no Brasil*, abordando vários aspectos, sob os auspícios da Instituição Larragoiti. Foi levada a efeito pelo diretor-executivo dessa Instituição e financiada pelo Grupo Sul América e Banco Lar-Brasileiro, com vários colaboradores como Mário Barata, Gastão Cruls, Cecília Meireles, Reinaldo dos Santos, J. Wasth Rodrigues, José e Gisélia Valladares e Francisco Marques dos Santos, incluindo arte indígena e artes populares¹³. No processo da busca de elementos constitutivos da nacionalidade brasileira, a *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* foi responsável pela publicação de artigos e livros versando sobre a Bahia (SMITH, 1952, p. 83-134; OTT, 1960. 236 p., por exemplo). Boa parte da atenção dos estudiosos do período, no entanto, estava voltada para Minas Gerais e para Aleijadinho, deixando a Bahia para segundo plano. Por isso mesmo, no nível nacional, a Bahia aparecia, e apareceria, superficialmente citada nas obras gerais de história da arte brasileira¹⁴.

Nesse contexto se criava a Revista *Habitat*, sob a direção de Lina Bo Bardi, e depois Flávio Mota, que traduzia claramente a ideologia vigente de valorização do nacional, do regional, do folclórico, do moderno, do popular, do indígena e, na qual, a Bahia teve lugar sempre privilegiado.

Localmente, se preparava a publicação da *História das artes na Bahia*,¹⁵ que procurou, sobretudo, ressaltar a produção com características específicas locais, contando com trabalhos de Marieta Alves, Robert Smith, Carlos Ott e Affonso Ruy. A Prefeitura Municipal, nesses anos de 1950, promoveu a publicação dos *Pequenos Guias das Igrejas da Bahia*. A partir de então, a Construtora Norberto Odebrecht foi responsável por várias publicações de excelente qualidade gráfica, entretanto, destinadas a um público restrito distribuídas como brindes e que raramente chegavam, ou chegam, às mãos dos estudiosos interessados.

Com interesse comum, os artistas modernos tiveram o apoio irrestrito de alguns intelectuais como os citados irmãos Valladares. A eles se somavam o, já referido, educador Anísio Teixeira, os poetas Wilson e Carlos Eduardo da Rocha, o escritor Jorge Amado, o poeta Godofredo Filho, o jornalista Odorico Tavares. Jorge Amado, ainda longe da Bahia, escrevia sobre os artistas, especialmente na revista *Para Todos*.

O apoio de José Valladares, manifestado de diversas formas aos artistas, se deu também através da imprensa, na coluna *Dominicais* (VALLADARES, 1951, 202p), com série de crônicas, publicadas entre 1948 e 1950, tentando, sobretudo, desfazer os preconceitos em relação à arte moderna. José Valladares contou com os *Diários Associados*, em cujo *Suplemento Dominical* do *Diário de Notícias*, publicou suas crônicas e críticas. Essa série foi seguida de outra, que reuniu as crônicas subseqüentes,

¹² Nas p. 221-242, tratava das inscrições lapidares da igreja da Vitória, de autoria de E. de Carvalho Rebelo.

¹³ Que estavam sendo resgatadas pelos intelectuais no processo ditado pelo nacionalismo, regionalismo, socialismo, etc.

¹⁴ Vide Referências.

¹⁵ Só publicada em 1967, embora conste como "Publicação da Prefeitura Municipal do Salvador, comemorativa do IV Centenário da Cidade", que tinha sido em 1949.

de 1951 a 1956, abrangendo vários aspectos de arte e dando notícias dos Salões Bahianos de Belas Artes (IDEM, 1957, 176p.) contendo 35 artigos publicados no mesmo jornal. As *Dominicais* foram publicadas, sob a forma de livro, com a subscrição de 45 amigos e da revista *Cadernos da Bahia*. Por ocasião da publicação das *Artes Maiores e Menores*, contendo a segunda série de crônicas, em 1957, Valladares constatou que as condições do trabalho intelectual tinham se modificado na Bahia, de tal forma, que não precisou mais da boa vontade dos amigos para publicar seus escritos¹⁶. Tanto a Universidade Federal da Bahia, quanto o reitor Edgard Santos, as Livraria Progresso e Beneditina, se voltaram para a edição de autores locais.

Todos tinham, também, a proteção dos *Diários Associados*. Estes eram dirigidos, na Bahia, por Odorico Tavares, homem de confiança de Assis Chateaubriand. Odorico Tavares publicou, por sua vez, crônica diária, a *Rosa dos Ventos*, com as iniciais O. T., da qual fez ponte de irradiação da cultura baiana. Em outra instância, publicava-se a *Revista Arquivos da Universidade da Bahia, Escola de Belas Artes*, seguindo de perto, o formato da revista do mesmo nome da Escola Nacional de Belas Artes, contendo artigos dos professores e referências às teses e concursos, programas de cursos. Foram poucos os números publicados na década de 1950.

De 1948 em diante, alguns fatos importantes devem ser citados, pois fortaleceram a historiografia, dois dos quais especialmente destinados à propagação e defesa da arte moderna: a criação da revista *Cadernos da Bahia* e a instalação da *Galeria Oxumaré* às quais se somava o *Salão Bahiano de Belas Artes*. A revista e editora *Cadernos da Bahia*, aquela lançada em 1948, pregavam a renovação literária e artística e davam o suporte crítico ao movimento. A revista existiu até setembro de 1951, produzindo cinco números. Foi criada, sob a liderança de Carlos Vasconcelos Maia, além de publicar textos, promovia debates, conferências com intelectuais locais ou do sul. *Cadernos da Bahia*, como editora, patrocinou a edição de obras e leilões de arte.

Nos finais da década de 1950, o movimento estudantil manifestava-se em todo o Brasil. Em 1957, da mesma forma como o grupo *Cadernos da Bahia*, surgiam novos jovens artistas, ligados à Escola de Belas Artes e outros, ainda alunos do Colégio Central da Bahia, que deram nova vida à cultura local. Estes se reuniram em torno da revista *Mapa*¹⁷, tentando integrar artes plásticas, cinema, teatro, cenografia, poesia, literatura, música, edições de livros e revistas numa base global¹⁸.

Os componentes dos *Cadernos da Bahia* tinham se dispersado e o grupo *Mapa* tentava reunir novamente artistas, intelectuais e estudantes. Diferentes dos componentes daquele primeiro grupo, que girava em torno de Mário Cravo, este já constituía, no fim da década, mas principalmente nos princípios dos anos 60, um grupo que passava a enxergar a arte de forma diversa, dotando-a de um sentido coletivo e caracterizando-a como movimento, incluindo a política. Mais uma vez, eles ressaltavam os assuntos cruciais da nacionalidade, mas de forma diferente. Enfocavam a gente sertaneja, o drama do latifúndio, a seca, as revoltas anárquicas do misticismo e o cangaço, a começar pela obra cinematográfica de Glauber Rocha e Roberto Pires.

Os pontos de encontro desse grupo eram a *Sorveteria Cubana*, junto ao Elevador Lacerda, e a Livraria Civilização Brasileira, na Ajuda. Calasans Neto, um desses componentes, foi responsável pela editora experimental *Macunaima* que publicou algumas obras de referência sobre a Bahia.

O DESC – Departamento de Educação e Cultura –, criação de Anísio Teixeira e que se transformaria na atual Fundação Cultural, ligado à Secretaria de Educação, incentivou a política cultural com projetos que levaram a Bahia ao cenário nacional. Nessa década, mais exatamente em 1960, se institucionalizaria a arte moderna com a criação do Museu de Arte Moderna, estruturado desde o ano anterior.

¹⁶ Foi nesta produção que José Neistein se apoiou para efetuar o levantamento bibliográfico da Bahia, conforme foi indicado acima.

¹⁷ Título tirado de um poema de Murilo Mendes.

¹⁸ Esse grupo criou a Jogralesca, no Colégio Central, onde se destacariam Glauber Rocha, Paulo Gil e Fernando Peres.

Foi nesse período que houve dominância do que se pode chamar *Escola Bahiana de Gravura* quando despontou a Galeria Bazarte que, além de dar condições aos artistas para trabalhar, se responsabilizou pela publicação de quatro álbuns de gravura de *Gravadores Baianos*.

Faltavam, no entanto, revistas seriadas constantes e livros para divulgar a arte baiana. Como já se fez referência, esporadicamente apareciam algumas revistas sem que tivessem prosseguimento. Em 1965 foi editada a *Revista da Bahia*, publicada pela Imprensa Oficial. O seu Conselho Editorial comportava também artistas plásticos. Aparecia como órgão defensor da classe e servindo, por outro lado, para disseminar a cultura estética em Salvador. Teve Juarez Paraíso, por algum tempo, à frente. Seus números apareceram, irregularmente, até 1967. A partir dessa data, o Estado diminuiu sua intervenção na publicação de obras de autores locais, embora ainda fossem impressas algumas em convênio entre DESC e as Livrarias Beneditinas e Itapoã. Daí por diante, a Fundação Cultural do Estado da Bahia e a Imprensa Gráfica da Bahia começaram a publicar uma ou outra obra, cujos critérios de escolha começaram a depender de conselho editorial. Não foram feitas publicações de livros especificamente dedicados às artes plásticas.

A década de 1960 se, de um lado, foi de uma grande atividade artística, por outro também, foi marcada pelo regime militar, calcado no poder transgressor dos direitos de cidadania, e agente repressor das manifestações culturais. A militância política e cultural cresceu em setores da classe média urbana, especialmente entre intelectuais e estudantes, mobilizando-os para colocar em prática o discurso e desempenhar um papel de resistência. A Bahia, em contraponto, passava por inúmeras transformações, a partir do governo Luiz Vianna Filho. Nesse governo criou-se o Conselho Estadual de Cultura, ligado à Secretaria de Educação e Cultura, e seu primeiro presidente, Odorico Tavares, publicou a *Revista de Cultura da Bahia*, cujos artigos versavam sobre vários assuntos, com as autorias dos membros, que pertenciam principalmente à “velha guarda” da intelectualidade baiana, componentes do mesmo Conselho.

A Imprensa Oficial da Bahia (IOB), em 1968, sob a direção de Junot Silveira, buscando incentivar as letras e artes, editou, em abril, um volume da coleção *Plásticos da Bahia*, com séries de reproduções de artistas. Evidentemente, a IOB selecionou para essa coleção os nomes já consagrados da primeira geração de modernos da Bahia: Carybé (IMPrensa, 1968, s.p.), Mário Cravo (IDEM, 1968, s.p.), Jenner Augusto e Genaro de Carvalho (IMPrensa, 1969, s.p.), Floriano Teixeira (IMPrensa, 1971, s.p.).

A criação da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia reafirmou a posição do governo de mudança, tentando dotar a sociedade de segmentos, antes desarticulados, com uma estrutura administrativa autônoma. Ali se colocou um poeta-artista para administrar, José Carlos Capinam, que direcionou suas atividades para salões, com a execução da Fundação Cultural.

Depois de 1968, a censura de obras de arte e de escritos, como, aliás, e de resto, a censura em geral, fez retrair a produção e, em especial, retardou a exploração de temáticas ousadas. A censura foi extremamente insensata. Títulos alusivos ou próximos a qualquer significação que lembrasse a esquerda – ou comunista, como se dizia – eram motivo de censura. O Governo, através de seus organismos de repressão, desestimulou a arte engajada e o futebol começou a tomar conta da cultura popular, apoiado por esse poder público, e pelos meios de comunicação de massa. A cultura era subversiva.

Contra essa situação, o *Jornal da Bahia* acusou o marasmo cultural, que adentrou a década seguinte, que não abrilhantava nem a tradicional festa de 7 de Setembro. Vários cursos, seminários, congressos, estudos de arte tinham sido promovidos pelos museus, escolas, institutos culturais e galerias da cidade, durante a década anterior, especialmente ligados aos movimentos de renovação do pensamento ocidental. 1968 colocou fim a essa linha de conduta. Diminuíram os eventos, que não desapareceram, mas também não causavam mais polêmica ou incômodos ao Estado. Diminuíram, em conseqüência, as publicações. Em decorrência de tudo isso, os nomes que demarcaram o cenário das artes plásticas na Bahia na década de 70, surgiram timidamente, agora sem o apoio oficial, sem espaços de expressão livre, sem críticos caracterizados pela ousadia. Poucos nomes firmaram-se como críticos de arte, então. Embora em número reduzido, despontavam opiniões baianas abalizadas, como Ivo Vellame e Matilde Matos que, dentro da concepção da crítica nova do período, tornaram-se críticos ativos, promovendo e participando de eventos artísticos.

Os próprios artistas pediam, então, intervenção do Estado. Realizaram-se alguns encontros, que redefiniram os caminhos da arte, como o *I Seminário de Cultura da Cidade*, promovido pela Prefeitura, em 1975, e encontros de estudantes-artistas, no governo de Jorge Hage. Esse Prefeito criou a *Revista da Cidade do Salvador*, que não teve continuidade. Nesse mesmo ano, no nível federal, e institucionalmente, a arte se fortalecia com a criação da FUNARTE, *Fundação Nacional de Arte*, sediada no Rio de Janeiro, que passou a dar apoio cultural e financeiro para eventos e publicações de arte, embora preferencialmente apoiasse as produções cinematográficas.

O Departamento Cultural da UFBA, e a Coordenação Central de Extensão, durante os anos 70, promoveram atividades artísticas, exposições e algumas publicações. Vellame teve papel primordial nessas tarefas. A *Universitas Revista de Cultura*, da UFBA, com publicações intermitentes, sempre abriu espaço para historiadores da arte.

Mesmo com os avanços na indústria gráfica, se publicava pouco sobre arte na Bahia. As bibliotecas de arte do Estado, apesar de crescerem no período, estavam longe de ser capazes de dar informes atualizados aos interessados, sofrendo, como os museus, a asfixia das verbas reduzidas. O mundo editorial descuidou, com raras exceções, da publicação sobre a matéria.

Deve-se, no entanto, a par os problemas de editoração de trabalhos sobre arte, dizer que, no âmbito da UFBA, durante essa década, foram feitos concursos públicos para preencher vagas do cargo de professor assistente. Na ocasião, os concursos exigiam, além dos quesitos comuns a esse tipo de seleção, também uma tese original sobre assunto ligado à área. Assim, várias teses foram produzidas entre 1970 e 1974, tratando de diversos aspectos das artes visuais, tanto sob o ponto de vista teórico, quanto prático (PINHO, 1970, 44p; OLIVEIRA, 1970; FLEXOR, 1970; CRUZ, 1973; COELHO, 1973)¹⁹. Algumas teses, por iniciativa particular, outras por parte de editoras, foram publicadas tardiamente²⁰.

Apesar disso, é preciso destacar que a imprensa baiana, a partir de Carlos Chiacchio, reservaria, quase que continuamente, um espaço dedicado às artes. Esses espaços, e depois as colunas, inclusive, mostram as tendências das artes entre os anos 1949 e a atualidade. De início estava voltada, ainda para as belas artes. Valladares, em suas colunas, já distinguiria arte clássica de moderna, mas reforçava a divisão entre artes maiores e menores, denominando, inclusive uma de suas publicações com essa designação (VALLADARES, 1957. 176p.). Pelos anos 60 as colunas passam a se denominar artes plásticas. Com a mudança das formas de representações plásticas, ou com as influências pós-modernistas, as colunas passaram a se chamar artes visuais, em substituição às artes plásticas.

Os jornais e as revistas começaram a dar apoio a tudo que se afigurasse como novidade. A arte moderna, no início da década de 50, já encontrara *a atitude de irrestrita simpatia* e, por parte da imprensa, um *crédito excessivo* no ver de Valladares (1957, p. 75-76).

Clarival Valladares, de 1957 a 1964, embora tivesse mudado para o Rio desde 1962, colaborava com o *Suplemento do Diário de Notícias*. Foram críticos, e incentivadores atuantes, nomes como Antônio Celestino, Carlos Eduardo da Rocha, Romano Galeffi, Wilson Rocha que se serviram das páginas dos jornais da capital, especialmente, em incentivo aos movimentos de vanguarda. Outros os sucederiam, posteriormente, e os jornais (e os catálogos), na realidade, constituiriam a principal fonte documental para o modernismo baiano.

Juarez Paraíso escreveu uma série de crônicas de arte, a partir de 1965, no *Diário de Notícias* e colaborou em seu *Suplemento*. O Jornal *A Tarde*, manteve a coluna *Artes Plásticas* que teve Reynivaldo Brito à frente durante mais de uma década. Foi substituído por Juarez Paraíso que colaborou, com Riolan Coutinho, também para a *Tribuna da Bahia* e *Jornal da Bahia*, por vários anos. Este último periódico possuía a sua coluna de *Artes Plásticas* cujo responsável, nos meados da década, foi Newton Sobral. Carlos Coquejo, embora voltado para a música popular (e para as leis trabalhistas), incursionou-se nas artes plásticas. O mesmo aconteceu com Nelson Araujo, Guido Guerra e mesmo Glauber Rocha...

¹⁹ Entre outras.

²⁰ Vide FLEXOR, 1979.

A partir de então, os jornais passaram a ter coluna especial, independentemente de preconceitos estéticos. Os artistas e as críticas de arte não precisavam mais aparecer fortuitamente nas colunas sociais de Sylvio Lamenha, Renot ou July. Porém, foram os próprios artistas e uns poucos historiadores ou críticos, que assumiram esse papel escrever sobre si.

A crítica de arte ainda era exercida por Reynivaldo Brito, Romano Galeffi, Jacy Brito, Juarez Paraíso em colunas especializadas no *Jornal da Bahia*, na *A Tarde*. Nos anos 90, a crítica continuou nas mãos dos intelectuais anteriores, embora novos nomes começassem a surgir como Eduardo Evangelista, Clodoaldo Lobo, Aldo Tripodi, Herbert Magalhães, Justino Marinho e César Romero, alguns deles artistas, e novos meios de divulgação, como o *Correio da Bahia* e *Bahia Hoje*, dessem sua contribuição. Para suprir um pouco as deficiências, na década de 1980 criou-se o *Núcleo de Arte do Desembarco*, destinado a armazenar trabalhos e referências bibliográficas de artistas. Publicou alguns catálogos (BANCO, 1982). Num outro sentido, Emaunel Araújo (1988. 398p.) organizou uma obra voltada para a criatividade do mundo baiano, dedicada, especialmente ao que ele denominou “a mão afro-brasileira”, com a colaboração de vários intelectuais brasileiros, incluindo artistas baianos.

Academicamente, na década de 80, funcionou o Curso de Especialização em Crítica de Arte, montado e coordenado por Romano Galeffi, que não produziu nem motivou publicações. Estas seriam tentadas, no âmbito da Escola de Belas Arte, pelo Núcleo de Estudos de História das Plásticas na Bahia, que chegou a publicar três boletins, de elaboração simples, congregando professores e estudantes no início da presente década.

Uma iniciativa importante, na década de 1980, foi o patrocínio, através da Secretaria de Indústria e Comércio, do inventário de proteção do acervo cultural do município de Salvador (AZEVEDO, 1984), voltado, sobretudo, para os monumentos construídos tombados. Levada a efeito, sob a coordenação de Paulo Ormino de Azevedo, e vários outros arquitetos, esse inventário é uma fonte de pistas informativas interessantes para os pesquisadores de arquitetura. O Conselho de Cultura continuou, com esparsas publicações sobre arte, sem ter uma política de continuidade (ROSA, 1980).

Nesses anos 90 a cultura, depois de 68, sofreria novo golpe com o plano econômico de Fernando Collor que desesperou a muitos, e usando de Medidas Provisórias, como forma de governo, extinguiu várias instituições de cultura e de arte, incluindo a Lei Sarney o que, evidentemente, afetou a estrutura baiana. Em conseqüência, além de notícias em jornais e catálogos, apenas Carlos Ott (1993, 3v) continuaria, por conta própria, a publicar suas obras ou, relançado seu livro sobre pintura, pela MWM, que foi totalmente reescrito por Emanuel Araújo.

A criação do Curso de Pós-Graduação em Artes, em 1992, fez aumentar a produção de escritos sobre arte, não só com as dissertações, mas também com artigos e comunicações para participações em congressos e seminários e outros eventos científicos (OLIVEIRA, 1997; CASIMIRO, 1995; GOMES, 1995; PEREIRA, 1995; OLIVEIRA, 1995; MATSUDA, 1995; CARVALHO, 1995; NASCIMENTO, 1997)²¹. Nem toda produção, entretanto, estava diretamente ligada às artes plásticas, como era objetivo inicial do curso. Assim, entre as dissertações, encontram-se algumas ligadas à música, cinema (SETARO, 1998; SOUZA, M., 1999; BRASIL, 1999; NEVES, 1996), etc. Corrigindo essa, e outras, distorções, o curso foi reformulado, tendo sido reconhecido só em 1999, pela CAPES. A produção sistemática, não só de dissertações, mas de *papers* e artigos vêm aumentando significativamente a bibliografia artística, na área das artes plásticas, na Bahia. Nesse mesmo ano de 1999, a coordenadora do Programa, na qualidade também de presidente da ANPPAV – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Visuais – promoveu o II Encontro dessa Associação, do que resultou a publicação de livro (WANNER, 2001), voltado para o perfil do pesquisador em artes visuais no Brasil, contendo comunicações e textos de pesquisadores dos cursos de

²¹ Vide Referências. Essa bibliografia refere-se às duas linhas de pesquisa, que mudaram de denominação, com os anos, mas que de forma genérica, cuidam de Teoria e História da Arte e Poéticas Visuais. Em função disso, o Mestrado denominou-se, inicialmente Mestrado em Artes e, com a reformulação de 1999 passou a se chamar Mestrado em Artes Visuais. Deve-se ressaltar, no entanto, que poucos trabalhos teóricos têm buscado fontes originais para recriar a história da arte baiana e os práticos embasam-se, de forma irrestrita, nos teóricos pós-modernos e com fortes características de auto-louvação.

Pós-Graduação em Artes Visuais do País, incluindo os baianos. Deve-se destacar, também, a publicação sistemática, a partir de 1998, até o presente, da revista do Mestrado em Artes, denominada *Cultura Visual*, com artigos de docentes, alunos e convidados externos. Antes da criação desse Mestrado, os assuntos de arte eram desenvolvidos em vários outros programas. Deve-se citar, em especial, o Mestrado em Ciências Sociais²², que permitiu dissertações, não inteiramente voltadas para a arte, mas cujo conteúdo continha informações sobre a o tema (CAMARGO, 1979; MARTINEZ, 1979; LUDWIG, 1982).

Mas, a historiografia sobre artes plásticas ainda permanece diminuta e sem atrair interesse, tanto de historiadores, quanto das instituições ou da indústria gráfica baianos. De forma inédita, o MAMB lançou em 1994, por ocasião da realização do 1º Salão MAM-Bahia de Artes Plásticas, um concurso de monografias. Apenas duas pessoas se inscreveram²³, o que fez os promotores abolirem esse concurso dos salões seguintes.

Só esporadicamente, e por motivos variados, se retomou a produção historiográfica fora da Universidade. Em 1997 realizou-se em Salvador o IV Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte que, desde 1989, vem congregando estudiosos portugueses e brasileiros, incluindo baianos, alternando sua sede entre Portugal e Brasil, colocando a público os mais recentes trabalhos sobre artes visuais e urbanismo, enfocando, sobretudo, o período chamado colonial (FLEXOR, 2000)²⁴. Desses encontros resultaram colaborações entre os historiadores da arte portugueses e brasileiros, quer através de projetos conjuntos de pesquisa²⁵, quer através de convites para palestras, conferências e publicação de artigos²⁶, quanto no envio de estudiosos, especialmente para o Porto, para realizar seu doutoramento²⁷.

Em 1999 e 2001, agora sob o patrocínio da Prefeitura Municipal do Salvador, através da Fundação Gregório de Mattos e Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, realizaram-se, respectivamente, os IV e V Congressos de História da Bahia, o primeiro em comemoração aos 450 anos de Salvador. Ambos congregaram, além de geógrafos e historiadores, também historiadores da arte (ANAIS, 2002, 2v.)²⁸. Todas as comunicações deviam, necessariamente, versar sobre temas baianos. Assim, contou-se, inclusive, com Luis de Moura Sobral, J. Roussel-Wood, Maria Beatriz Nizza da Silva que, nos dois eventos, deram a conhecer estudos inéditos acerca de pinturas da Catedral e da igreja de São Francisco e outros temas artísticos ou intimamente ligados a eles. Varias comunicações de historiadores locais também focaram a arte baiana.

Por outro lado, o apoio oficial voltou a estar presente, porém, tem se dirigido a publicações em que as ilustrações, especialmente a multiplicidade de fotografias com qualidade gráfica indiscutível, são privilegiadas em detrimento de textos mais científicos e informativos. Até hoje, apesar da tradição artística baiana, não existe uma história da arte mais abrangente com essas características.

Não se deve esquecer o esforço de alguns artistas que, frente a toda adversidade local, vêm investindo na arte. É o caso das revistas com caráter mais popular. Finalmente se passou a vender revista de arte baiana nas bancas de jornais a baixo preço. A coragem de Raimundo Mundim fez publicar a *Revista de Arte Dendê*, dedicando 50% de seu conteúdo às artes plásticas, fazendo despontar novos nomes, tanto na prática artística, quanto na crítica. Nascida em 1997, a partir da idéia de um jornal acadêmico, ao contrário das muitas revistas, que surgiram em Salvador, ultrapassou o 10º número.

²² Subdividido nos anos 1980 em Mestrado de História e Mestrado de Ciências Sociais.

²³ Sante Scaldaferrri, com a biografia de José Guimarães, que foi premiado, e Maria Helena Ochi Flexor com a modernidade na arte baiana. Este último trabalho se transformaria numa monografia, ainda inédita, com o título *50 anos de arte moderna na Bahia*.

²⁴ Já ultrapassou a sexta versão e está programado, para 2005, o VII Colóquio, no Porto. O primeiro evento realizou-se em Coimbra, o segundo em Ouro Preto, o terceiro em Évora, o quarto na Bahia, o quinto nos Algarves, o sexto no Rio de Janeiro.

²⁵ Está em andamento a formação de um núcleo de pesquisas para investigar acerca dos artistas que trabalharam, tanto em Portugal, quanto no Brasil. Brasileiros e portugueses deverão constituir esse núcleo que terá sede na Universidade do Porto.

²⁶ Como exemplo, vide FLEXOR, 1998a.

²⁷ Já concluíram seu doutoramento Luiz Alberto Ribeiro Freire, Eugênio de Ávila Lins, Maria de Fátima Hanaque Campos. Encontram-se em andamento os doutoramentos de Edilson Motta, de Belém do Pará, e Antônio Wilson de Souza, da UFES.

²⁸ Os anais do Congresso de 2001 estão no prelo.

Referências

- ALVES, Anselmo Braga. *A arte na disciplina Redação em pré-vestibular*. 1998. 136 p. Dissertação (Mestrado) EBA/UFBA. Salvador.
- ALVES, Ivia. *Arco & flexa*, contribuição para o estudo do modernismo. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. 151p. (Col. Cabralia, 3).
- ALVES, Marieta. Ainda uma vez... reforma de Igreja. *A Tarde*, Salvador, 12.1.1959.
- _____. Capela do SS. Sacramento da demolida Matriz de S. Pedro. *A Tarde*, Salvador, 25.7.1960.
- _____. A Casa dos Santos da Ordem 3ª. de S. Francisco. *A Tarde*, Salvador, 19.5.1958.
- _____. A era dos museus. *A Tarde*, Salvador, 15.9.1958.
- _____. A escultura na Bahia, Salvador, *A Tarde*, 2.3.1959.
- _____. *Arquivo Pessoal*: Produção Intelectual; anotações, transcrições, diversos, Arquivo do Estado da Bahia
- _____. *M Dicionário de artistas e artífices na Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1976. 210 p.
- _____. *Encarnadores de imagens, douradores, pintores*, 28.3.60. Col. Produção Intelectual, Arquivo Público do Estado da Bahia. (datil.)
- _____. Enquanto o ferro desafia o tempo. *A Tarde*, Salvador, 9.3.1959.
- _____. Escultura, arte de escol. In: *Arquivo Pessoal*: Produção Intelectual; anotações, transcrições, diversos, Arquivo do Estado da Bahia, 29.4.1959, 3 f. (datil.).
- _____. Escultura, arte de escol. Salvador, *A Tarde*, 20.4.1959.
- _____. Félix Pereira Guimarães, grande escultor e entalhador. *A Tarde*, Salvador, 4.7.1960.
- _____. *História, arte e tradição da Bahia*. Salvador: Prefeitura Municipal / Departamento Cultural / Museu da Cidade, 1974. 158p.
- _____. *História da Venerável Ordem 3ª. da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia*. Bahia: Imprensa Nacional, 1848. 414 p.
- _____. Mestres entalhadores naturais da Bahia e suas obras. *A Tarde*, Salvador, 19.1.1959.
- _____. Nobreza diferente, Salvador, *A Tarde*, 27.1.1958.
- _____. Notas à margem do livro *Artistas Bahianos* de Manoel Querino. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA BAHIA, n.1, 1951, Bahia. *Anais...* v. 5, p. 535-543, Bahia: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.
- _____. *Ordem 3ª de S. Domingos*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1950. 26p. (Pequeno Guia das Igrejas da Bahia, 4).
- _____. Escultura. In: ALVES, Marieta; SMITH, Robert; OTT, Carlos e RUY, Affonso. In: *História das artes na cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1967. p. 47-65, 173-207. (Comemorativa ao IV Centenário da Cidade; Col. Evolução Histórica da Cidade do Salvador, IV).
- ANAIIS DO 4º CONGRESSO DE HISTÓRIA DA Bahia, 1999. *Salvador 450 anos*. Salvador: 2001. 2v.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins, 1975.
- ANSELMO, Renner JH. R. *Há pintura: o espaço pictórico com instauração poética e advento do visivo*. 2004. 89 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). EBA/UFBA. Salvador.
- ARAUJO, Emanuel (Org.). *A mão afro-brasileira; significado de contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988. 398 p.
- ARGOLO, José Dirson. Pedro Ferreira: escultor, policromador e restaurador. *ABRACOR Boletim*, Rio de Janeiro, n. 2, ano 4, p. 4-5, jun. jul. ago. 1997.
- ASSIS, Dilberto R. Araújo de. *O gradil de ferro em Salvador no século XIX*. 2003. 237 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- AZEVEDO, Célia. *Escola de Belas Artes, o perfil de uma época*. Salvador: UFBA, 1982.
- AZEVEDO, Paulo Ormindo (Org.). IPAC-BA. *Inventário de proteção do acervo cultural; monumentos do município de Salvador*. 2 ed. Salvador: Indústria, Comércio e Turismo, 1984.
- BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DA BAHIA. Núcleo de Artes. *Primórdios da arte moderna na Bahia*. Salvador: DESEMBANCO, 1982.

- BARATA, Danillo Silva. *O corpo como inscrição de acontecimentos*. 2003. 90 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- BARDI, Pietro. *História da arte brasileira; pintura, escultura, arquitetura, outras artes*, 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988. 228 p.
- BATISTA, Márcia de Azevedo Magno. *Realização de murais na UFBA*: Instituto de Química, Pavilhão de Aulas, Faculdade de Educação. 1995. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca brasileira*. Rio de Janeiro: Recor, 1983. 2 v.
- BIRIBA, Ricardo B. *Nordestinados; uma performance armorial*. 1997. 81 p. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes). EBA/UFBA, Salvador.
- BITENCOURT, Mônica Lemos. *Alfabetização estética; um exercício de arte-educação na Rede Municipal de Ensino de Salvador*. 1997. 118 p. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. *Bahia cívica e religiosa; subsídios para a história*. Bahia: A Nova Graphica, 1926. 410 p.
 _____. *Bahia epigraphica e iconografica*. Bahia: s.c.p., 1928. 488 p.
 _____. *Bahia histórica; reminiscências do passado registro do presente*. Bahia: Typ. Bahiana, 1921. 308 p.
- BRASIL, José Umbelino de S. P. *Metáforas da visão, a luz e o espaço na Idade da Terra*. 1999. 148 p. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- CALASANS NETO, A geração Mapa. In: PONTUAL, Roberto. *Jenner: a arte moderna na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 94-95.
- CALAZANS, José. *Cachaça, moça branca*. Bahia: Secretaria de Educação e Saúde, 1951. 112 p.
- CALDERON, Valentin. *Evolução das artes plásticas na Bahia, 1912-1974*, *A Tarde*, Salvador, 1º. mar. 1975, p. 8.
 _____. *José Guimarães*. Salvador: Museu de Arte Sacra da UFBA., 1975.
 _____. *A Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*, *Revista Universitas Cultura da UFBA*, Salvador, n. 10, p. 149-1723, set./dez. 1971.
- CAMARGO, Maria Vidal de Negreiros. *A sala de milagres da Igreja do Bonfim: museu de arte popular ou visualização de comportamento? Boletim NEHAP-EBA-UFBA*. Salvador: EBA, 1989. p. 6-18.
 _____. *Os Terceiros Dominicanos em Salvador*. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) FFCH/UFBA, Salvador.
- CAMPOS, João da Silva. *Tempo antigo*. Bahia: Imprensa Oficial, s.d. 83p.
- CAMPOS, Maria de Fátima H. *A pintura religiosa na Bahia, 1790-1850*. 1979, Tese (Doutoramento) 3v. Universidade do Porto, 2003. Porto.
- CARMO, Jamile B. do. *Os signos do rosário; arte e religião na formação de identidades culturais*. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Salvador: Beneditina, 1948. 140 p.
- CARVALHO, Vânia Bezerra de. *Presépio: religião e arte no Recôncavo*. 1995. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- CASIMIRO, Ana Palmira B. S. *Mentalidade e estética na Bahia colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Bahia e o frontispício da sua igreja*. Salvador: EBA/UFBA, 1996.
 _____. *Mentalidade e estética na Bahia colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco e o frontispício de sua igreja*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia/EGBA, 1996. 230 p.
- COELHO, Antônio A. *Contribuição ao estudo das artes brasileiras*. Salvador: Manu, 1969 (Centro de Estudos Baianos, 51, 61).
- COELHO, Ceres Pisani Santos. *Artes plásticas, movimento moderno na Bahia*. 1973. 227 p. Tese (Concurso de Professor Assistente) EBA/URBA, Salvador,
- COUTO, Norma de A. *Forma e natureza*. 1995. 63 p. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes). EBA/UFBA, Salvador.
- DAMASCENO, Marco Aurélio A. *Vazias capturas; um olhar através da tridimensionalidade*. 2003. 94 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- DANTAS FILHO, Osvaldo F. *Desvelamento: uma poética do imaginário*. 1997. 32 p. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.

- DUMET, Terezinha S. *Homem x homem: uma criação plástica composta de 20 xilogravuras, 10 objetos e uma instalação*. 1995. 57 p. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- FERNANDES, Ana Néri de O. Lima. *Tarot celestino; um caminho para individuação*. 1999. 252 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). EBA/URBA, Salvador.
- FERREIRA, Ayrson Heráclito Novato. *Segredos na boca do inferno: arte, história e cultura baiana*. 1998. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- FERREIRA, Otávio L. Cabral. *Mural cerâmico; Hiroshima nunca mais*. 1995. 176 p. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Oficiais mecânicos na cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1974. 90 p.
- _____. Academia Imperial de Belas Artes "inspiração" da Academia de Belas Artes da Bahia. In: *Anais do Seminário EBA 190 anos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. P. 281-306.
- _____. Autorias e atribuições: a escultura na Bahia dos séculos XVIII e XIX. In: *Mvsev*, Porto, IV série, n. 7, p. 175-215, 1998a.
- _____. Cidades e vilas pombalinas. In: *Universo urbanístico português, 1415-1822*.
- _____. *50 anos de arte moderna na Bahia*. Salvador, 1998b. 155p. (digitado).
- _____. As devoções religiosas na Bahia do século XVIII. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA (SBPH). *Anais da XVI Reunião...* Curitiba, p. 145-150, 1997.
- _____. A festa de Corpus Christi. In: *A Tarde*, Salvador, 18.06.92, p. 16.
- _____. Historiografia da arte na Bahia: Manoel R. Querino, Marieta Alves e Carlos Ott. In: *Revista da SBPH - Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, Nº 14, p. 77-100, 1998c.
- _____. A imagem de Cristo Crucificado na Bahia setecentista. *Boletim do CEIB - Centro de Estudos da Imaginária Brasileira*. Belo Horizonte, Ano I, n. 3, p. 2-3, jun., 1997.
- _____. A emigração e a arte moderna na Bahia. In *A Cor das Letras*, Feira de Santana, n. 1, p.173-180, dez. 1997.
- _____. O interior da igreja de São Francisco da Bahia no século XVIII. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE. 5. *Anais...* Salvador, 22 a 26 de setembro de 1997, Salvador, EDUFBA, p. 251-283, 2000.
- _____. J.J. Seabra e a reforma urbana de Salvador. In: *Cidades brasileiras; políticas urbanas e dimensão cultural*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, p. 108-119. 1998d (Projeto de cooperação - CAPES/COFECUB).
- _____. Móveis antigos: nomenclatura. *Arte e Cultura na América Latina / Sociedade Científica de Estudos da Arte*, São Paulo, ano V, n. 5, p.31-51/142-145, 1994.
- _____. *Mobiliário baiano; séculos XVIII-XIX*. 1970. 168 p. Tese (concurso de assistente) EBA/UFBA, Salvador. (datil.).
- _____. *Mobiliário brasileiro: Bahia*. São Paulo: Espade, 1979.
- _____. Mobiliário: questão de nomenclatura. In: BESSA, Pedro Pires (Org.). *Integração latino americana*, Juiz de Fora: UFJF; Belo Horizonte: FAPEMIG, 1993. p. 323-327.
- _____. A ociosidade, a vadiagem e a preguiça no Brasil do século XVIII. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA. *Anais da XVII Reunião* (SBPH), Curitiba, p. 157-164, 1998.
- _____. Os oficiais mecânicos (artesãos) de Salvador e São Paulo no período colonial. In: *Revista Barroco*, Belo Horizonte, n. 17, p. 139-154, 1993/6.
- _____. Os oficiais mecânicos em duas regiões brasileiras: Salvador e São Paulo. In: *Revista Universitas, Cultura*, UFBA, Salvador, n. 37, p. 33-52, jul.-set. 1986.
- _____. Ofícios, manufaturas e comércio. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). *História econômica do período colonial*. São Paulo: Hucitec / Fapesp / Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 1996. p. 173-194.
- _____. O regionalismo na arte moderna brasileira: Bahia. In: *Cultura Visual*, Salvador, v. 1, n. 1, p.69-78, jan.jul. 1998.
- _____. A religiosidade popular e o imaginário na Bahia do século XVIII. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE . 3. *Actas...* Évora, p. 11-31, 1997.
- _____. A rua e a praça no imaginário baiano. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA. 14. *Anais da Reunião Anual da SBPH*. Salvador, p. 217-222, 1995.

- FLEXOR, Maria Helena Ochi (Org.). A arte no mundo português dos séculos XVI ao XIX: confrontos, permanências, mutações. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 4. *Atas do...* Salvador: Museu de Arte Sacra/Reitoria da UFBA, 2000.
- FRANÇA, Acácio. *A pintura na Bahia*. Bahia/Secretaria de Educação e Saúde/Imprensa Oficial, 1944. 74 p.
- FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. 2000. 3v. Tese (Doutoramento) Universidade do Porto, Porto.
- GARCIA, Roseli Amado da S. *Em busca da essência, um pensamento plástico-filosófico*. 1997. 80 p. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- GOMES, Célia Maria Barreto. *Do laço ao traço... a mulher artista em Salvador, 1900-1945*. Salvador: EBA/UFBA, 1995.
- HERSKOVITS, Melville. *Pesquisas etnográficas na Bahia*. Bahia: Secretaria de Educação e Saúde/Imprensa Oficial, 1943. 20 p.
- IRIA, Alberto. A Bahia no Arquivo Histórico Colonial de Lisboa. V Congresso Histórico Nacional, 1950, v. 2, p. 15-30.
- LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil; 1549-1760*. Lisboa: Broteria, 1953.
- LOPES, Lindalva das Graças R. *Grafismo marajoara; uma expressão além do olhar*. 1997. 36 p. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- LUDWIG, Selma Costa. *A Escola de Belas artes cem anos depois*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1977. 17 p. (Col. Centro de Estudos Baianos, 80).
- _____. *Mudanças na vida cultural de Salvador; 1950-1970*. 1982. 169p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- LUEDY, Maria. *Colagens do tempo*. 1999. 102 p. Memorial Técnico e Criativo (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- MACHADO NETO, Antônio Luís. A Bahia Intelectual. *Universitas, Revista de Cultura*, UFBA, Salvador, n. 12/13, p. 261-305, mai./dez. 1972.
- MAMB/Comissão do Sesquicentenário da Independência da Bahia. *150 anos de pintura na Bahia*. Salvador: Artes Gráficas, 1973.
- MARTINEZ, Socorro T. *Ordens terceiras: ideologia e arquitetura*. 1979. 356 p. Dissertação de (Mestrado) UFBA/FFCH, Salvador.
- MARTINS, Maria Virginia G. *Terra-homem-signo, uma criação plástica com fibras, pigmentos e corantes naturais brasileiros, associados a possibilidades sintéticas*. 2 v. Memorial de trabalho Prático (Mestrado em Artes, EBA/URBA) EBA/UFBA. Salvador.
- MASCARENHAS, Dulce. *Carlos Chiacchio: homens & obras; itinerário de dezoito anos de rodapés semanais em A Tarde*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979. 139 p.
- MATSUDA, Malie King. *As artes plásticas em Salvador*. 1995. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). EBA/UFBA, Salvador.
- MEDEIROS, Virginia de. *Mulher pré-moldada; uma poética do invisível na imagem feminina*. 2002. 68 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- MOREIRA, Jane Lydia de A. *Design gráfico na Bahia*. 1999. Mestrado (Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- MUSEU DE ARTE MODERNA. *O modernismo na Bahia*. 1º Salão MAM-Ba de Artes Plásticas. Salvador: MAM, 1994.
- _____. *Saudades do Brasil, a era JK*. Salvador: MNAMB/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993. 1993p.
- NASCIMENTO, Jussara R. *A reconstrução da herança cultural africana na arte do Ilê Ayê: o vestuário como afirmação de identidade*. 1997. Dissertação (Mestrado). EBA/UFBA, Salvador.
- NEVES, Maria Helena Franca. *De la traviata ao maxixe; variações estéticas da pratica do teatro de São João*. 1996. 194 p. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- NOVAIS, Nanci Santos. *Concepção e execução de esculturas para espaços externos da cidade do Salvador*. 1995. 105 p. Memorial de trabalho prático (Mestrado em Artes). EBA/UFBA, Bahia.
- NUNES, Milena S. *Esculturas em meios antrópicos*. 2000. 139 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- OLIVEIRA, George M. de. *Deuses, sonhos e fantasmas; um estudo do gesto e da escultura para a representação do invisível no teatro*. 1999. 101 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.

- OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Ex-votos da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa: sociedade, religião e arte. 1995. 121 p. Dissertação (Mestrado em Artes). EBA/UFBA, Salvador.
- OLIVEIRA, Selma Soares. *Imagens de roca: uma coleção singular na Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*. 1997. 164 p. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- OLIVEIRA, Zélia M. *Desenho-ensino-comunidade*. 1970. Tese (Concurso de Professor Assistente da EBA/UFBA) Salvador.
- OLSZEWSKI FILHA, Sofia. *A fotografia e o negro na cidade do Salvador, 1840/1914*. Salvador: EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989.
- OTT, Carlos. *Atividade artística nas igrejas do Pilar e de Sant'Ana da cidade do Salvador*. Salvador: Gráfica Universitária, 1979. 393p. (Publicações da FFCH/UFBA, 1).
- _____. *Bailes pastoris e poesia popular*. Salvador: FFCH/UFBA, s.d. (mimeo.).
- _____. A casa Marback. In: *Universitas, Revista de Cultura da UFBA*, Salvador, n. 21. 1978.
- _____. *O Carmo e a Ordem 3ª. do Carmo da Cidade do Salvador*. Salvador: Alfa, 1989. 53 p.
- _____. *As culturas pré-históricas da Bahia*. Salvador: Bigraf, 1995. v. 2, 40 p.
- _____. *Evolução das artes plásticas nas igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*. Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 1979. 393 p. (Col. Frederico Edelweiss, 2).
- _____. *Filosofia da arte portuguesa e da brasileira; segunda parte, de 1650-1900*. Salvador: Alfa, 1990. 2 v.
- _____. *História das artes plásticas da Bahia, 1500-1900*. Bahia: Alfa, 1991-1993. 3 v.
- _____. *Igreja e Convento de São Francisco*. Salvador: Alfa, 1988. 60 p.
- _____. Noções sobre a procedência d'arte da pintura na Província da Bahia. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 197-218, 1947.
- _____. *Pequena história das artes plásticas na Bahia entre 1550-1900*. Salvador: Alfa, 1989. 63 p.
- _____. A pintura na Bahia, 1549-1850. In: ALVES, Marieta; SMITH, Robert; OTT, Carlos e RUY, Affonso. *Op. cit.* p. 69-108. (Comemorativa ao IV Centenário da Cidade; Col. Evolução Histórica da Cidade do Salvador, IV).
- _____. *A Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Salvador*. Rio de Janeiro: Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1960. 237 p. (Publicações do PHAN, 21).
- PARANHOS, Marisa L. T. da Silva. *O papel como material expressivo na pesquisa e no ensino da arte, uma proposta metodológica*. 1999. 2 v. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- PEIXOTO, Afrânio. *Breviário da Bahia*, 3ed. Rio de Janeiro: MEC/Conselho Federal de Cultura, 1980. 310 p.
- _____. *Livro de horas*. Rio de Janeiro: Agir, 1947. 323 p.
- PEREIRA, Jaime S. Sodrê. *A influência da obra escultórica do Mestre Didí*. Salvador: EBA/UFBA, 1995.
- PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. 1973. Tese (Concurso de Assistente, Departamento de História, FFCH/UFBA, 1973). UFBA, Salvador.
- PESSOA, Fátima M. de Oliveira FONTENELLE. *Um olhar para o interior: as residências de Salvador, spéculo XIX*. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- PINHO, Antonio Sales. *A cerâmica de Maragogipinho: tentativas de mudança*. 1970, 44 p. Tese (Concurso de Professor Assistente) EBA/UFBA) Salvador.
- PINTO, Fernando Freitas. *Pinturas semelhantes no dessemelhante*. s.d. 59 p. Mestrado (Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. 559 p.
- _____. *Jenner: a arte moderna na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974. 183 p.
- PORTELA, Antonio Carlos de A. *Impressões: instâncias de ausências e presenças*. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- PORTUGAL, Claudius. *Outras cores; 27 artistas da Bahia; reportagens plásticas*. Salvador: FCIA / TELEBAHIA, 1994. 105 p. (Casa de Palavras, série arte, 1).
- QUERINO, Manoel Raymundo. *A Bahia de outróra; vultos e factos populares*. 2. ed. Bahia: Livraria Econômica, 1922). 301 p.
- _____. *As artes na Bahia; esborço de uma contribuição histórica*. 2. ed. Bahia: Diário da Bahia, 1913. 241p.
- _____. *Artistas bahianos; indicações biographicas*. 2. ed. Bahia: A Bahia, 1911. 260p.

- QUERINO, Manoel Raymundo. *O colono preto como factor de civilização brasileira*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1918. 37p.
- _____. Inventário 06/2697/0/17, Seção Judiciária, Capital, Arquivo Público do Estado da Bahia., 1923, 79 fls. ms.
- _____. In: VALLADARES, Clarival do Prado. *Riscadores de milagres*. Rio: SEEB, 1967. p. 139-141.
- RANGEL, Sonia. *Circumnavigare, uma poética, percurso e método*. 1995. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes, EBA/UFBA). EBA/UFBA, Salvador.
- REBOUÇAS, Diógenes. *Salvador da Bahia de todos os Santos no século XIX*. Bahia: Odebrecht, 1985. 224p.
- REGISTRO DAS MARCAS dos ensaiadores de ouro e prata da Cidade do Salvador, 1725-1845. Bahia: Prefeitura do Município do Salvador, 1952. 107 + 21p. (col. Documentos Históricos do Arquivo Municipal)
- RÉSIMONT, Jacques. Os escultores baianos Manoel Inácio da Costa e Francisco das Chagas, "O Cabra". In: *Revista Barroco*, Belo Horizonte, n. 14, p. 101-117.
- REVISTA DA CIDADE DO SALVADOR, Salvador, v. 1, n.1, p. 1-114, ago. 1975.
- REVISTA DE CULTURA DA BAHIA, ano 1, n. 1, Salvador, mar/ago, 1968.
- ROCHA, Carlos Eduardo da. *O mobiliário antigo na Bahia*. Salvador: Itapoá, 1977.
- ROSA, Mercedes. *A prata da casa*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1980.
- RUBENS, Carlos. *Pequena história das artes plásticas no Brasil*. São Paulo, 1941 cit. por PEIXOTO, 1947.
- RUY, Affonso. *Igreja do Convento do Carmo*, 2. ed. Salvador: Prefeitura do Salvador, 1965 (Pequeno Guia das Igrejas da Bahia).
- SAMPAIO, Nelson de Souza. Salvador em 60 anos. *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, n. 7, p. 15-20, jan/dez. 1972.
- SANTOS, Edsoleda M. M. *Onímale Odó; as lendas de Oxum*. 1995. 83 p. Memorial de Trabalho Prático do (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- SANTOS, José Antonio Saja R. Neves dos. *Heko ... a hierofania de Dionísio; por uma hermenêutica imagética*. 1995. 118 p. Dissertação (Mestrado em Artes). EBA/UFBA, Salvador.
- SANTOS, Carlos Alberto F. dos. *A poética do presente de Yemanjá pelo olhar da fotografia*. 1998. 11 p. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- SANTOS, Eriel de Araújo. *Mutação; uma possibilidade do devir instaurado na matéria*. 2002. 105 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- SANTOS, Fabiane. *Ambiência, um convite para entrar; investigação poética da feminilidade no processo de criação*. 2002. 100 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). EBA/UFBA, Salvador.
- SANTOS, Paulo Roberto Silva. *Igreja e arte em Salvador no século XVIII*. Curitiba: Criar, 2002.
- SCALDAFERRI, Sante. Arte moderna na Bahia. In: PONTUAL, Roberto. *Jenner: a arte moderna na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 69-74.
- SETARO, André Olivieri. *Narrativa e fábula no discurso cinematográfico de A Grande Feira*. 1998. Dissertação (Mestrado em Artes). EBA/UFBA, Salvador.
- SILVA, Marcelo R. Pinheiro da. *Portadas de Salvador*. 1997. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- SILVA, Motta e. As artes plásticas na Bahia. *Cadernos da Bahia*, Salvador, n. 2, p. 2-9, out. 1948.
- SILVA NETO, Antonio Ferreira da. *O inconsciente fotográfico*. 1995. s.n.p. Memorial de trabalho prático (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- SINZIG, Pedro (fr). *Maravilhas da religião e da arte da Igreja do Convento de São Francisco da Bahia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933. 359 p. (Publ. Da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)
- SMITH, Roberto C. *Arquitetura colonial*. Salvador: Progresso, 1955.
- _____. *Arquitetura colonial; alguns aspectos de sua historia*. Salvador: Museu do Estado da Bahia, 1951. 75p. (Publicações do Museu do Estado da Bahia, 14).
- _____. Documentos baianos. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 85-134, 1952.
- SODRÉ, Jaime S. *A influência religiosa afro-brasileira na obra escultórica de Mestre Didi*. 1995. 544 p. (Dissertação de Mestrado em Artes) EBA-UFBA, Salvador.

- SOARES, Clairton Quintela. *A imagem do artista plástico pela criança de 08 a 12 anos*. 1996. 159 p. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- SOUZA, Antonio Wilson de. *O desenho na Bahia do século XVIII*. 2002. 112 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- SOUZA, Elizabete Actis de. *Celulose cimento; técnicas e aplicabilidade nas artes e design - expressões vitrais*. 1999. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). EBA/UFBA, Salvador.
- SOUZA, Lucas T. Salgado de. *O corpo como signo*, produção de desenhos e tratamento dos mesmos com novos recursos tecnológicos. 1997. 105 p. Dissertação (Mestrado em Artes). EBA/UFBA, Salvador.
- SOUZA, Marise Berta de. *Quando o cinema virou samba; a identidade do moderno cinema brasileiro*. 1999. 151 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). EBA/UFBA, Salvador.
- SOUZA, Sheilla L. Dias de. *Memória da terra: Wyrkydzã. Thxydewá*. 2002. 134 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) EBA/UFBA, Salvador.
- TEIXEIRA, Maria das Graças de Souza. *Ciranda, bola, boneca, pipa, pião ... do chão da Ribeira ao mundo virtual* 1999. 206 p. Dissertação (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- TODERO, Luiz Ney. *De Canudos à Veneza: o Projeto Terra do artista plástico Juraci Dórea*. 2004. 186 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). EBA/UFBA, Salvador.
- TORRES, Otávio. Resumo histórico da Escola de Belas artes da Bahia. In: *Arquivos da Universidade da Bahia*, Salvador, n. 1, p. 191-215, 1952.
- TRIPODI, Aldo. *Sante Scaldaferrì, uma poética do feio*. 1999. 132 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). EBA/UFBA, Salvador.
- VALLADARES, José. *Arte Brasileira*. Bahia: Progresso, 1955.
- _____. *Arte brasileira, publicações de 1943 a 1953*; bibliografia comentada com índice remissivo. Salvador: Manu, 1955 (Centro de Estudos Baianos, 30).
- _____. *Artes maiores e menores, seleção de crônicas de arte de 1951-1956*. Bahia: Progresso, 1957. 176 p.
- _____. *As belas artes na Bahia*. In: *Cidade do Salvador*. São Paulo: Habitat, s.d., s.p.
- _____. *Dominicais: seleção de crônicas de arte de 1948-1950*. Bahia: Artes Gráficas, 1951. 202p.
- _____. *Estudos de arte brasileira, publicações de 1943 a 1958*; bibliografia seletiva e comentada. Salvador: Museu do Estado, 1960 193 p. (Publicações do Museu do Estado, 15).
- _____. *A Galeria Abbott; primeira pinacoteca da Bahia*. Bahia: Secretaria de Educação, 1951. 86 p.
- _____. *Museu para o povo*. Salvador: Imprensa Oficial, 1946, 105p.
- VIANNA JÚNIOR, Antônio Gonçalves. *Casos e coisas da Bahia*. Bahia: Beneditina, 1950. 105p.
- WAGLEY, Charles. *Uma pesquisa sobre a vida social do Estado*. Bahia: Secretaria de Educação e Cultura, 1950.
- WANNER, Maria Celeste A. *Comunicações, ANPPAV*. Salvador: Mestrado em Artes, UFBA, 2001.
- WROBEL, Julian A. *Ponto principal: paralelas no horizonte*. 1997. 64 p. Memorial de Trabalho Prático (Mestrado em Artes) EBA/UFBA, Salvador.
- ZANINI, Walter. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2v.